

# aínas

Nº6, 06/2019



# aínas

Secondo anno  
AÍNAS N°6 . 06/2019  
WWW.AINASMAGAZINE.COM  
INFO@AINASMAGAZINE.COM

Direttore Roberto Cossu  
Condirettore Giorgio Giorgetti  
Direttore artistico Bianca Laura Petretto  
Grafica, assistenza artistica e comunicazione Sofía Arango Echeverri

In copertina la fotografia dell'opera è di Chiaki Doshō:  
*Light & Dark White 2*, 2016. Trapuntatura a macchina diretta e ricamo a mano.  
Kimono giapponese vecchio (seta, cotone, lana, fibra sintetica), filato (seta, cotone, lana, fibra sintetica),  
filo (poliestere, rayon), 15 x 15 x 10 cm.  
Le opere delle sezioni sono di Julia Restrepo, collezione "Casas", oli su tela.

Le poesie sono tratte da:  
Giovanni Bernuzzi, *Tramontata è la luna. Traduzioni poetiche da Saffo al Novecento*, Happy Hour Edizioni

© Aínas 2019

La traduzione, la riproduzione e l'adattamento totale o parziale, effettuati con qualsiasi mezzo, inclusi la fotocopiatura,  
i microfilm e la memorizzazione elettronica, anche a uso interno o didattico, sono consentiti solo previa autorizzazione  
dell'editore. Gli abusi saranno perseguiti a termini di legge.

*is aína faint is fainas . gli strumenti fanno le opere*

Secondo anno AÍNAS n°6 © 06/2019, reg. n° 31/01 Tribunale di Cagliari del 19 09 2001, periodico di informazione  
trimestrale, cartaceo e telematico. Iscrizione n° 372004 al Registro della stampa periodica Regione Sardegna,  
L.R. 3 luglio 1998, n° 22, ART. 21.

ISSN 2611-5271

Editore Bianca Laura Petretto, Cagliari, Quartu Sant'Elena, viale Marco Polo n. 4  
Direttore responsabile Roberto Cossu

B&B Art  
Museo di Arte  
contemporanea

www.bbartcontemporanea.it  
info@bbartcontemporanea.com



Un ringraziamento speciale a Guido Festa  
Progettazione e costruzione di "GLOVE BOXES"  
e prototipi per la ricerca farmaceutica e nucleare  
www.euralpha.it

AP  
Quintaclasses srl  
info@quintaclasses.it

INARTE  
WERKKUNST  
GALLERY  
CASA D'ASTE

MUSEO  
INTERNAZIONALE DELLA  
MASCHERA  
AMLETO E DONATO  
SARTORI

HappyHour



Città di Todi

AÍNAS N°6

4 editorial

4 esperando un abrazo

7 chapter I . special

8 the legendary sculptor  
9 s.dhanapal

19 chapter II . news

20 l'orologio di robert  
22 memórias exiliadas  
23 flávio cerqueira

31 chapter III . crossing

32 pic nic a esfahan  
38 fac lattuga habana

53 chapter IV . the new code

54 autónomo

75 chapter V . pataatap

76 chiachi dosho  
77 tineke smith

91 chapter VI . swallow

92 emozioni al dente

NEWS

# memórias exiladas

## FLÁVIO CERQUEIRA

*Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos  
azuizinhos, água lavara o preume dele.  
(Mário de Andrade, Macunaíma, 1928).*

Macunaíma, criado em 1928, por Mário de Andrade, nasceu retinto, porém, pelas águas do rio tornou-se homem branco. Esse episódio inaugura as três raças (branca, negra e índia) no romance que tece as peripécias do “nosso herói sem nenhum caráter”. Num tempo e espaço mágicos, o autor fundante do modernismo, constrói uma narrativa que envolve mitos populares e cultura colonizada para desvelar a complexidade psicológica do “povo brasileiro”. Embebidos pelos ideais que buscam as raízes do Brasil e a homogeneidade nacional, por muito tempo, artistas e intelectuais fornecem os subsídios necessários para o exílio de memórias. Essas memórias “mal resolvidas reminiscências” que expõem a segregação de grande parcela da população (negros, índios, mulheres e LGBTs\*) e, assim, elas são escondidas pelo mito de nossa democracia racial.

Os mais de 300 anos de escravidão (e, após 1888, de marginalização) nos dão o contexto atual: a permanência do privilégio do homem branco; o “misturar para embranquecer” e, ao mesmo tempo, o extermínio do sangue mestiço – evidente paradoxo e clara expressão do determinismo biológico que legitima a hierarquia das raças. Todos esses fatores são camuflados pela falsa meritocracia que impeliu (e ainda hoje impele) a juventude negra e mestiça à discriminação, sendo o sistema escolar um dos mecanismos mais potentes para essa exclusão. Mas, nessa “história do homem cordial”, sempre há os que denunciam e resistem.

Artistas visuais, como Flávio Cerqueira (São Paulo, 1983), escancaram séculos de memórias exiladas em seus trabalhos. Simbolicamente, nos trazem a tensão e o debate que alguns insistem em manter proscritos. E, por capricho da história da arte, Flávio usa, inspirado em Rodin, o bronze – material tão caro aos monumentos que rememoram os heróis. Adequado à tradição dos monumentos, o bronze liga-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é legado à memória coletiva). Para além dos nossos dias, o artista trabalha com um processo milenar (a fundição em bronze pelo processo de cera perdida) para dar forma aos seus personagens que, de certo modo, são anti-heróis.

Tião, 2017, realmente, é um anti-herói dignificado pelo bronze. Ele é insubmissão da arte contemporânea que utiliza a técnica tradicional para discutir os marginalizados. Citação, ironia e resistência no dia-a-dia marcam o fazer de Flávio Cerqueira. Nas suas esculturas, negros e mestiços protagonizam situações de introspecção e reflexão. Segundo a crítica de arte brasileira, eles representam novas versões para a história oficial do país.

Nesse sentido, Flávio joga com a força da tradição escultórica, através da técnica, do trabalho em atelier e da expressão figurativa, para miná-la de dentro para fora. O que faz sua arte tão contemporânea? Justamente, são o motivo (aqui já explicitado) e as pequenas subversões. E o que são as insubordinações? Vez ou outra, ele introduz objetos que rivalizam com o bronze, tais como, tinta eletrostática, espelhos, fiança, livros, escadas e troncos de árvores. Os títulos de seus trabalhos completam a reflexão sobre o motivo. Aqui tratemos de destacar algumas.

## NEWS

Em Foi assim que me ensinaram, 2011, o artista nos mostra a humilhação disfarçada de educação. De frente para o canto da sala, o dito “aluno indisciplinado” cumpre seu castigo sentado nos livros que deveriam ser sua redenção, mas são a base para o seu castigo. Em Eu te disse..., 2016, o corpo do menino foi sepultado pelos livros e pela quantidade de informações. Nas duas peças, o artista-contador de “causos” nos faz rememorar a opressão do sistema educacional brasileiro.

Em Eu vi o mundo e ele começa dentro de mim, 2015, da cabeça do menino de bronze brotam plantas que se entrelaçam e se lançam ao espaço que envolve a obra. Essa peça reverencia a tela Eu vi o mundo ... ele começava no Recife, 1928, do modernista Cícero Dias – obra que provocou grande escândalo por seus nus provocativos e por sua atmosfera onírica. À época, criação artística e sonhos são vistos como manifestações legítimas do inconsciente. A obra de Dias corresponde de modo imediato a essas expectativas. Mas, o mote do menino de bronze são seus sonhos e ideias que germinam e tomam de assalto o que está em volta.

Já Antes que eu me esqueça, 2013, a figura defronte ao espelho busca por sua imagem no reflexo; procura por uma identidade que a história sempre tentou dissipar – os traços identitários são memórias esmaecidas, mas não apaziguadas. Amnésia, 2015, nos faz lembrar o banho de Macunaíma, mas nela a tinta branca não é mágica e tão pouco suficiente para cobrir o menino – o embranquecimento social (a face pervertida da mestiçagem) surge aqui como memória sombria que paira entre nós.

Por fim, a poesis de Flávio Cerqueira nos remete às memórias que muitos preferem deixar adormecidas. Mas, são sentimentos que o artista vive (que nós vivemos e, por isso, a conexão). O artista não nos conta uma história com início, meio e fim porque nosso tempo e nossos sentimentos não são lineares. São memórias que vem e vão. Cada uma de suas peças toca em ferimentos não fechados (mas, que insistem em ser ignorados). São esculturas que dizem tanto de nós e dos “outros” e, por essa razão, cada vez mais, têm acessado o devido reconhecimento de acervos, coleções e galerias nacionais e internacionais – isto porque tratam do humano em nós.

*São Paulo, 06 de maio de 2019.*

*Alecsandra Matias de Oliveira.*

*Doutora em Artes Visuais (ECA USP)*

*Membro da Associação Brasileira de Crítica de Arte (abca)*



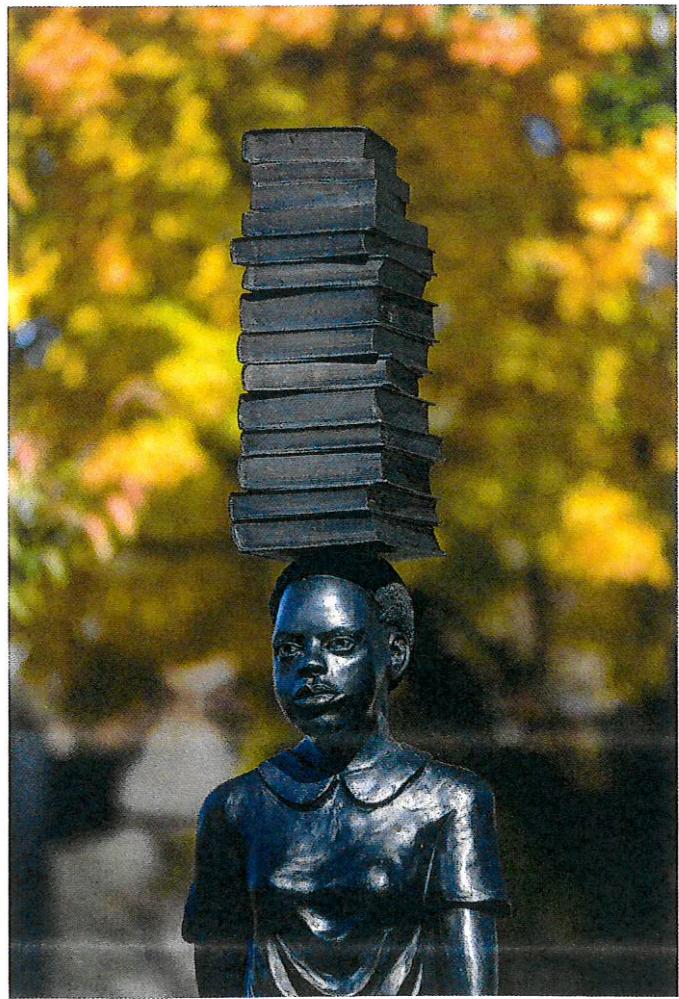
NEWS



▲ EU TE DIS  
Flávio Cerqueira  
Bronze e livros,  
Dimensões variadas  
Edição de 3 + .



▲ Sinistra EU  
E ELE COM DE MIM  
Flávio Cerqueira  
Bronze, aço inoxidável, bombeamento  
água, 165 x 200 x 2 cm  
Edição de 3 + .



▲ Destra QUE NÃO SÓ  
Flávio Cerqueira  
Bronze, 2015.  
175 x 38 x 45 cm  
Edição de 5 + .  
Fotografia © .



Pg.28-29 AMNÉSIA  
Flávio Cerqueira  
*Tinta latex sobre bronze, 2015.*  
137 x 30 x 26 cm  
Edição de 5 + 2 PA  
Fotografia © Romulo Fialdini



QUE EU ME  
ESQUEÇA  
*Lávio Cerqueira*  
a sobre bronze,  
espelho, 2013.  
3 x 35 x 20 cm  
âo de 5 + 2 PA  
uard Fraipont

